

Não tive a felicidade de o conhecer pessoalmente. Conheci-lhe, entretanto, a família distintíssima, toda católica, toda esclarecida e cultivada por essa moral sadia que engrandece, que eleva e que sublima.

O sabio mestre era professor da Faculdade de Medicina da Baía, onde, com brilho extraordinario e fulgurante competencia, regia uma das cadeiras de Patologia.

Ao Rio de Janeiro fôra levado pela politica, para ocupar o cargo que o povo lhe indicára. Não é preciso dizer o que foi ele nessa acenção, porque o dr. Antonio Sales o faz como conhecedor perfeito.

Cabe-me apenas o dever de fazer umas ligeiras anotações á margem do que diz com relação ao enterramento do grande morto.

"O enterro foi uma apoteose. O feretro, conduzido á mão desde as Laranjeiras ao cemiterio, era erguido por milhares de pessoas, e passava pelas ruas entre alas compactas de multidão consternada.

E assim desapareceu dentre os vivos o tribuno magnifico, etc., etc.."

Não é duvidar jamais da palavra do autor de "Retratos e Lembranças" o afirmar/nos que o dr. Manuel Vitorino não foi sepultado no Rio e sim na Baía. Do que está escrito no seu livro, quem o lê não pode deixar de crer que, de fato, o sepultamento deve logar na Capital da Republica.

Acreditamos, todavia, (e deve ter sido assim) que o féretro tenha sido conduzido das Laranjeiras para o cemiterio, com as honras e manifestações de justo pezar a que se refere o illustre escritor cearense; porem, lá não ficou, esta é que é a verdade.

Em 1901 ou 1902, eu era estudante de Medicina. Num desses dois anos faleceu o dr. Manuel Vitorino, no Rio de Janeiro, vitima de colibacilose, em poucos dias de molestia.

A noticia abalou a minha terra. Não era para menos. As Escolas Superiores de Ensino vestiram-se de crepe, enlutadas. Toda a Baía sentiu profundo pezar pela morte do seu grande filho. Foram suspensas as aulas durante oito dias, na Faculdade de Medicina.

A Faculdade de Direito acompanhou o luto da escola irma.

O cadaver do mestre, embalsamado, em esquife luxuoso, foi conduzido para a terra-mai. Aquell homem, que tanto honrara o berço onde nascêra, deveria repousar no seio quente da Baía, e que deveria guardar-lhe para sempre o coração.

Do salão nobre da Faculdade de Medicina foi feita a camara ardente, onde, durante três dias consecutivo, em romaria expressiva, o povo baiano teve de passar e de render a mais justa das homenagens: a um dos maiores filhos do Brasil.

A eça, sob cuja cupula esteve depositado o esquife, representava o Brasil de luto.

Colunas de bronse serviam de pedestal á bandeira brasileira, em relevo, toda de se-tim verde e amarelo, em cujo centro, encimando o todo, um grande globo azul, com a faixa e as estrelas simbolicas, se destacava. Belissimo tudo aquilo, apesar de servir de adorno a uma camara mortuaria, tao expressivo era.

Figuras alegoricas ladeavam a eça. Não me recordo o que representavam.

Os estudantes da Faculdade de Medicina fizemos guarda, por turmas de seis, durante os três dias em que permaneceu exposto á veneração publica o filho illustre da Baía.

O prestito funebre-uma apoteose admiravel-saiu ás treze horas, não me lembro de que dia. Mas foi uma consagração. Todas as Escolas Superiores, Colegios, Associações, Sociedades diversas, com os respectivos estandartes, se fiseram representar encorporadas, e uniformisadas as que possuíam uniformes.

O esquife foi conduzido em carro mortuario de primeira classe, do qual pendiam fitas, cujas pontas eram seguras por professores da Faculdade em que pontificou com raro talento o grande morto.

No cemiterio do Campo Santo foram depositados os restos daquele que tao grande fôra.

O seu tumulo (ainda deve existir) representa um poliedro de marmore escuro, como que significando as facetas de sua variada cultura e de sua inteligencia sintilante. Eu vi. Eu era estudante de Medicina. Manuel Vitorino está sepultado na Baía. Essa gloria de o conservar dentro da propria glêba, a terra-mai a tem. Fizeram-se ouvir varios oradores. Quatorze, no cemiterio. Na Faculdade de Medicina, ao saimento funebre, falou o dr. Climerio de Oliveira, representando a Congregação. Ainda possuo o seu discurso lapidar.

E o mestre admiravel em tudo o que fôra na vida, desde o banco de marceneiro até a curul presidencial, veiu dar o coração á terra que o gerára com a sua seiva mais pura. Pode crer o dr. Antonio Sales que ainda guardo de memoria a verdade do que aí fica. E receba as minhas notas como má reparação a um equívoco.

Com muito respeito e a mais justa admiração,

*J. Augusto Dias*

P.S.-Um episodio da vida da familia do dr. Manuel Vitorino:

Familia catolica e cheia de qualidades, que a gente adquire no seio dessa purificadora de caratêres e de corações, teve de sofrer a enorme magua causada por aquela perda irreparavel. Um dos filhos do casal, de nome José, foi assassinado por um ebrio habitual, na Praça Castro Alves.

A Policia tomou conta do crime. O criminoso seria condenado a muitos anos de prisão. A mulher do criminoso foi visitada pela mai do morto. Nessa occasia, aquela senhora, em cuja alma brilhava o esplendor da fé mais acrisolada (fiziam na Baía) prometêra á mulher do assassino de seu filho que nao o condenaria, ou procuraria evitar aquela pena inevitavel.

E assim foi. O réo entrou em juri e foi absolvido!

A mai de José Vitorino Pereira, viuva do dr. Manuel Vitorino, havia perdoado ao matador de seu proprio filho!

Era mai. A outra mai tambem tinha filhos; esses filhos eram pequeninos e precisavam da vida, da liberadade do pai...

O ebrio -, a Baía o soube- regenerou-se.

*J. Augusto*